



**TRABALHOS  
DE CRIAÇÃO  
ARTÍSTICA**

Revista

**Cultura & Extensão**

# AS MARIAS ENCANTADAS (uma estória de magias)

Agnaldo Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Uma estrela piscou no céu. Um brilho tão intenso que chamou a atenção de João que catava borboletas para prender em garrafas, naquela noite de céu limpo e iluminado. Garoto esperto, pelos seus nove anos de idade, ele deixara a cidade para passar as férias na fazenda da avó Elvira, em terras pantaneiras. Lá, gostava de explorar o lugar, em companhia da prima Maria, menina de oito anos que era criada pela avó desde muito pequenina.

Sentia-se um toque de magia no ar. Aquela estrela havia iluminado diferente o céu da fazenda. Em certo momento, ela parecia ter despregado do céu como se houvesse caído em um lugar não muito distante. Ansiosos por aventuras, João e Maria inventavam mil e uma brincadeiras para passar o tempo, além de criar dezenas de estórias para que seus dias tornassem encantados, memoráveis, cristalizados na memória e que os fizessem lembrar um do outro quando separados, à espera do reencontro.

A estrela, Maria. Olhe...Uma estrela, ela está caindo do céu – disse João.

Estrelas não caem do céu seu bobo, não tire a minha atenção, pois sei que queres pegar mais vagalumes do que eu, trapaceiro!- Retrucou Maria.

A estrela, ela está caindo. Olhe! Rápido!- Insistiu João, em tom de quem tem razão.

Uma estrela cadente. Vovó sempre fala dessas estrelas. Ela diz que devemos fazer um pedido de olhos fechados. Eles são realizáveis. Vamos dar as mãos e pedir juntos. Vamos pedir uma grande aventura para estas férias – concluiu Maria, abraçando certa credulidade.

E assim pediram para conhecer as estrelas.

Logo, Elvira chamou as crianças, serviu o jantar e lhes contou uma estória para que pegassem no sono, como costumava fazer todas as noites. Estórias que tinham a ver com o encanto do pantanal. Eram lendas sobre mulheres que se transformavam em onça, lobisomens, peixes que falavam, minhocões, entre outras. Aquela noite parecia mágica. Contou ela uma estória sobre as Marias Encantadas, uma lenda que eles nunca tinham ouvido, parecia até invenção da avó.

Elvira contou-lhes que num passado muito distante morava no pantanal uma família, constituída de pai, mãe e três filhas. Um dia, as meninas brincavam no quintal, quando apareceu uma senhora de idade muito avançada. Ofereceu a elas cinco sementes, uma para cada membro da família. Recomendou que quando sentissem fome, deveriam colocar as sementes em um copo com água para depois beberem. Se fizessem, nunca mais teriam fome. Em seguida, ordenou às crianças, de maneira bastante autoritária, que chamassem o pai e a mãe, para lhes oferecer o alimento líquido. Assustadas, pediram que a senhora fosse embora, mas avelha, toda vestida de preto, rosto enrugado, nariz encurvado e enverrugado, cabelos longos e esbranquiçados, olhou para elas e pronunciou palavras estranhas, incompreensíveis. Concluiu dizendo:

- Abracadabra!

---

<sup>1</sup>Da Universidade do Estado de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

De fato, aquela família era pobre e não tinha o que comer naquele dia. Então, uma das meninas colocou uma semente na água e surpresas viram-na desmanchar, fazendo o líquido brilhar. Uma água que ficara límpida que chegava ao brilho reluzente. Com o dedo, a filha mais velha tocou a água, colocou na língua.

- Humm, doce! Resmungou, satisfeita.

Depois, todas elas tocaram na água e provaram. Era gostoso. Semente a semente foi colocada em copo com água e depois beberam. Sentiam-se saciadas, como se tivessem saboreado um delicioso jantar. Aquela água possuía tudo aquilo que imaginavam comer e beber. Eufóricas, elas ofereceram ao pai e à mãe, que mesmo temerosos e desconfiados, provaram do alimento. Algum tempo depois, as crianças adormeceram. Os pais, em seguida. Era impossível brigar contra aquele sono que parecia ter vontade própria. Estava, pois, uma escuridão em céu límpido, com estrelas reluzentes a ornamentar o manto da noite. Era em Mato Grosso, um portal do Pantanal.

Nessa noite, o tempo parecia parado. Estático. Misterioso. Um sono profundo pairava sobre os habitantes daquela casa, feita de pau a pique. Um vento frio soprava do lado de fora, assoviava, anunciando alguma coisa, como um aviso que chegava a forma de códigos. Sorrateira, a velha retornou na calada da noite. Com as unhas do dedo indicador, abriu a taramela da porta da cozinha, entrou, observou um a um. O pai e mãe das meninas dormiam, como que forçados por mágica poderosa, um tipo de encantamento. As meninas brilhavam como estrelas, exalava delas um tipo de essência, uma fumaça que brilhava feito luz.

Semente encantada! Alimento que elas não deveriam provar. No entanto, provaram-no, as Marias.

Com uma garrafa de vidro nas mãos, a velha percorreu os recintos da casa. Com a boca, sugou a essência de cada uma das meninas. Sugou e guardou dentro da garrafa, do mesmo modo como elas faziam com os vagalumes. Em pouco tempo, eram três Marias dentro do objeto, cintilando como vagalumes. Três crianças que mediante ao encanto brilhavam, como pontinhos vivos de luz. Com passo de plumas, a Velha deixou a casa. Não olhou para trás, apenas gargalhou satisfeita. Era uma risada rouca e maquiavélica que muito lembrou a fada má que fez Bela espetar o dedo na roca de fiar, antes de dormir por 100 anos. Estava satisfeita, pois se via próxima de cumprir a profecia que a libertaria da maldição de conviver com aquele corpo velho e cansado. Corpo maldito, doente e debilitado.

A noite estava escura, escutavam-se uivos de lobos. A Velha iluminava o caminho com a garrafa, que brilhava porque dentro dela estavam as Marias Encantadas.

Ligeira como lebre, a velha chegou a uma antiga cabana. Arrumou algumas folhas no chão, derramou uma substância esquisita, pegou lenha no fogão de barro e atçou fogo. Começou a dançar ao redor da pequena fogueira, balbuciando palavras desconhecidas. Palavras mágicas, encantadas. Minutos depois, algo piscou no céu, uma estrela cadente riscou o azul anoitecido, então ela fechou os olhos e pediu que sua juventude voltasse, desejou profundamente que a soma de juventude daquelas meninas, presas na garrafa, dessem-lhe os seus próximos anos de vida.

Abriu a garrafa, que mais parecia um objeto mágico. Então, de dentro, saíram os três pontinhos brilhantes. Rodearam a velha, que os recolheu nas mãos e fechou. Foi em direção à janela, abriu lentamente os dedos e os signos de luz voaram em direção ao céu.

Abracadabra! Repetiu três vezes.

De súbito, virou-se e violentamente retirou o pano que tampava o espelho. Um pano todo surrado pelo tempo, um trapo. Espelho imenso, rachado ao meio, com nódoas de ferrugem distribuídas pelo todo. O rosto envelhecido começou a dar lugar à ausência de rugas. Gradativamente, ficava jovem, a velha de pouco tempo antes. A testa, as bochechas, os cantos dos olhos, as mãos e o resto do corpo, tudo estava como quando tivera 18 anos. Gargalhou, uma risada de satisfação, satânica. Jovem novamente, uma linda moça, era o que via no espelho que guardava consigo anos e anos de uma vida longa. Olhando no fundo dos próprios olhos refletidos no espelho, perguntou autoritária:

- Espelho, espelho meu, há alguém mais bela do que eu?

O espelho cintilou a imagem, em forma de auréola de luz, como se desse a ela o crédito supremo da beleza. Debochada, surrou o resto da noite em risadas profanas, pois conseguira mais uma vez driblar o curso natural do tempo sobre a matéria.

No outro dia, os pais acordaram. Procuraram as meninas e não encontraram. Nunca mais as viram. A velha? Disseram alguns que a tinham visto pela redondeza, mas nunca a acharam. Procuram dias e noites, semanas, meses e anos, até que a idade chegou e cansados, desiludidos, sentiram-se derrotados. Um dia receberam uma visita. Era uma linda moça, a que nunca envelhecia. Disse que todas as noites o casal deveria olhar para o céu, prestando a atenção em três estrelas que apareciam sempre juntas. Na esperança, o pai e mãe puseram-se a olhar o céu todas as noites. Passavam horas e horas, até que um dia reconheceram em uma constelação as suas filhas.

- São elas, as nossas Marias – falou a mãe em soluços.

E dessa noite em diante, as estrelas iluminavam as suas vidas. Do céu, as Marias observavam os pais, já envelhecidos, cansados. Elas podiam sentir o carinho, a tristeza e a vontade que os genitores alimentavam para revê-las humanas. Morreu o pai, pouco tempo depois a mãe, talvez de tristeza, quiçá da surra do tempo sobre seus corpos cansados. Diz a lenda, que até hoje as Marias esperam a oportunidade de voltar à vida humana, retomar as vidas roubadas covardemente pelo poder da magia – concluiu Elvira, aquela estória de encantamento.

João e Maria já dormiam, embalados por aquela estória contada pela avó.

Na madrugada, João acordou. Chamou Maria. Ouviam conversas e risadinhas de crianças, que ora estavam na janela, depois na porta. Não sabiam ao certo. Escondidos, eles deixaram a casa e seguiram os barulhos. Adentraram a mata até que conseguiram chegar a uma cabana, a da linda moça. Ela não estava no recinto, apenas as Marias. Observaram pelas frestas do pau a pique e viram três meninas brilhantes que flutuavam, pareciam três vagalumes, soltando luzes como estrelas.

- As crianças que catam vagalumes chegaram – disse uma delas.

- Entrem, estávamos à espera de vocês! Completou a outra.

João e Maria entraram. A cabana estava toda escura, apenas iluminada pela luz das Marias. Maria Joana, Maria Neves, Maria Albertina. Elas contaram uma estória que João e Maria já conheciam. Sim, eram elas, as Marias encantadas. Para quebrar o encanto, os catadores de vagalumes precisavam cumprir um ritual naquela noite de estrela cadente, momento que demorou anos, quando as Marias se desprezaram do céu e riscaram o alto da fazenda, iluminando-a de forma diferente, mágica. Elas sabiam que as duas crianças de coração puro podiam libertá-las.

Pediram que João e Maria pegassem a garrafa jogada ao canto da cabana, depois saíssem e catassem três vagalumes. Deveriam também pegar gravetos para fazer uma pequena fogueira no

centro do quintal. Feita fogueira que ardia em chamas, as três Marias pediram que os primos dançassem ao redor do lume, com a garrafa de vidro nas mãos, onde os vagalumes brilhavam. Uma delas pronunciou:

- Abracadabra.

As outras duas disseram palavras desconhecidas. Orientaram para que Maria fosse até a janela, abrisse a tampa da garrafa e soltasse os vagalumes. Eles saíram voando em direção ao céu. Ficaram pregados no céu, como se estivessem substituindo as Marias. O brilho das meninas foi apagando, por um tipo de magia. O encantamento se quebrou. O tempo para elas não havia passado, continuavam lindas meninas, em tenra idade. Abraçaram João e Maria, juntos choraram.

Quando o sol começou a raiar, as crianças precisavam voltar para casa, antes que Elvira acordasse e lhes sentisse a falta. Quando chegaram à fazenda, não havia mais nada: nem casa, nem gado, nem galinhas, nem cachorro, nem cavalos, apenas o vácuo. Tudo havia sumido. Tudo era fruto de encantos, de magia. Havia sobrado apenas uma Velha, irreconhecível pelas quantidades de rugas pelo corpo inteiro, com as roupas em farrapos, verrugas pela face, dedos longos e unhas sujas e pontiagudas, nariz encurvado e grande, cabelos compridos e sebosos. Ela fitou as crianças e disse, com voz rouca e maquiavélica, ao encontro do desfalecer:

- Abracadabra!

Mas não havia fogueira, nem garrafa, nem estrela cadente. Apenas os netos. Os olhos dela foram fechando gradativamente até que dormiu profundamente. Com espanto, João suspirou e falou pesadamente:

- Essa velha parecia tanto vovó.

Procuraram por ela o dia todo, mas não encontraram. Nem a fazenda foi encontrada. Apenas as Marias, a quem se juntaram para viverem novas aventuras nas terras do pantanal mato-grossense. Durante o dia, as crianças faziam suas estripulias, mas depois cresceram, exceto as Marias porque elas eram encantadas. À noite, João e Maria sentiam-se saudosos, porque era só olhar para o céu que se lembravam da estória das Marias contada pela avó Elvira. As Três Marias, as encantadas, aquelas do Pantanal. As Marias do Abracadabra!